

POR UMA DESCRIÇÃO DOS DEMONSTRATIVOS: UMA (RE)VISÃO PANCRÔNICA

Cláudia Sales de Oliveira (UFRR/UFPB/PROLING/TLB)

Denilson P. de Matos (UFPB/PROLING/TLB)

Adílio Júnior de Souza (URCA/TLB)

PALAVRAS-CHAVE: Demonstrativos, Funções Sintático-Semântico-Discursivas, Pancrônia, Gramática, Linguística Funcional

Resumo:

O objetivo deste estudo é analisar os usos das formas demonstrativas e compreender os estudos de suas funções e sistematicidade em termos sintáticos e semântico-discursivos. Considerando a surpreendente quantidade de funções que os usos dos demonstrativos assumem – estabelecer relações espaciais e temporais; apontar relações anafóricas e catafóricas no discurso; além de expressar emoção do falante e indicar o foco de atenção (Kruisinga, 1925; Quirk, et al. 1972; Lakoff, 1974; Linde, 1979, Diessel, 1999) – descrever os critérios adotados para estabelecer a caracterização e analisar usos dos pronomes demonstrativos (suas funções semântico-discursivas), desde o latim até os estudos linguísticos atuais, constitui o ponto de partida à compreensão dos fatos linguísticos e de como se deu sua sistematização na formação das gramáticas tradicionais. Assim, a metodologia compreende a revisão de registros, numa perspectiva pancrônica, em duas partes: 1. Descrição dos demonstrativos na gramática tradicional latina e portuguesa (PRISCIANO DE CESAREIA (500 d.C), *Institutiones grammaticae, Institutio de nomine et pronomine et uerbo*); JOÃO DE BARROS (2006 [1540]), *Gramática da Língua Portuguesa*; ARNAULD; LANCELOT (1992 [1660]), *Gramática de Port-Royal*; JERÔNIMO SOARES BARBOSA (2013[1822]), *Grammaticaphilosophica da lingua portuguesa*; ROCHA LIMA (2001 [1972]), *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*; CUNHA; CINTRA (1985), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*; EVANILDO BECHARA (2009), *Moderna Gramática Portuguesa*); 2. Uma reflexão sobre os usos atuais da forma demonstrativa *essa*, com base nas contribuições da Linguística Funcional de vertente norteamericana (Hopper e Thompson, 1980; Givón, 1984). Os dados levantados foram analisados, considerando a frequência de uso e a prototipicidade, refletidos numa escala gradiente, a qual vincula usos que vão do (+) concreto, (+) objetivo, (+) prototípico > ao (+) abstrato, (+) (inter)subjetivo, (-) prototípico (De Mulder e Carlier, 2011; Silva, 2018). Para análise dos dados, estabelecemos como parâmetros: a função morfossintática do *essa* (adjetiva e substantiva); a natureza semântica do nome (concreta e abstrata); o processo de referência (anáfora direta (ADIR), indireta (AIND), por nomeação (ANOM) - nominalização, catáfora (CATAF), *déixis*: espacial (DESP), temporal (DTEMP), memorativa (DMEM), temporal memorativa (DTMEM)). Os dados levantados foram retirados do *Corpus D&G/Natal* (Furtado da Cunha, 1998), a partir de uma análise quantitativa e qualitativa. De acordo com resultados preliminares, os usos (+) prototípicos, vinculados às estruturas em que o demonstrativo *essa* se insere, ocorrem: na função adjetiva (92% dos casos); ligados a um nome concreto (59% dos casos); acompanhando nomes, cuja referência implica ADIR (46,8% dos casos) e AIND (34,2% dos casos). Os usos mais prototípicos evidenciam a função primordial dos demonstrativos já mencionada, ao passo que os usos menos prototípicos revelam funções mais discursivo/pragmáticas. Podemos concluir até o momento que as funções primitivas dêiticas e fóricas mantêm-se, tanto na perspectiva textual como situacional, reveladas na escala gradiente do (+) prototípico (concreto) > (-)

prototípico (abstrato). No entanto, os usos (–) prototípicos revelam também que há uma regularidade dos usos não prototípicos que circulam nas falas dos usuários do português.

Referências

- Arnauld, Antoine, e Claude Lancelot. *Gramática de Port Royal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Barbosa, J. S. *Gramática Philosophica da Língua Portuguesa*. Createspace Independent Publishing Platform; 1ª edição, 2013 [1822].
- Barros, João de. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Faculdade de Letras, 2006 [1540].
- Cunha, Celso, e Lindley Cintra. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 4ª ed., 2001.
- De Mulder, Walter, e Anne Carlier. “The emergence of the definite article in Late Latin ille in competition with ipse.” Em *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*, por Kristin et al. DAVIDSE, 241-76. The Hauge (Haia), NE: Mouton de Gruyter, 2010.
- Diessel, Holger. *Demonstratives. Form, Function and Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- Furtado da Cunha, M. A. *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal, EDUFRN, 1998.
- Givón, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.
- Hopper, Paul, e Sandra A. Thompson. “Transitivity in grammar discourse.” *Language V. 56, n.2*, 1980: pp. 251-99.
- Kruisinga, Etsako. *A Handbook of Present Day English Parte II - English Accidence and Syntax*. Utrecht: Kemink, 1925.
- Lakoff, Robin. “Remarks on This and That.” in *Papers from the Tenth Regional Meeting* (Chicago Linguistic Society), 1974: pp. 345-56.
- Linde, Charlotte. “Focus of Attention and the Choice of Pronouns in Discourse.” Em *Syntax and Semantics, Vol. 12: Discourse and Syntax*, por Talmy Givón, 337-54. New York: Academic Press, 1979.
- Quirk, R., S. Greenbaum, G. Leech, e J. Svartvik. *A Grammar of Contemporary English*. London: Longman, 1972.
- Rocha Lima, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- Silva, J. R. “(Inter)Subjetividade e Extensão Semântica em Construções com *Aquele*.” Em *Variação e mudança em perspectiva construcional [recurso eletrônico]*, por M. A., Bispo, E. B. e Silva, J. R. Furtado da Cunha, pp. 167-209. Natal-RN: EDUFRN, 2018.

**“AÇAITERIA”, “ESMALTERIA”, “RISADARIA”: A CONSTRUÇÃO
[X + A/ERIA] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO SEGUNDO A
GRAMÁTICA COGNITIVA**

Mariana Pimentel Lopes de Souza (UNIFESP – EFLCH)
(Orientador: Prof. Dr. Janderson Lemos de Souza)

Palavras-chave: léxico; morfologia; semântica; gramática cognitiva; linguística cognitiva

Resumo:

A partir de um modelo baseado no uso, a Gramática Cognitiva, a pesquisa busca descrever e explicar a formação de palavras como “açaiteria”, “esmalteria” e “hamburgueria”, usadas principalmente em nomes de estabelecimentos comerciais, no português brasileiro. O modelo prevê que a aquisição de palavras pelo falante nativo inclui a apreensão dos esquemas por trás das palavras e permite tanto a identificação de outras palavras que compartilhem o mesmo esquema quanto o uso criativo do esquema. No primeiro caso, trata-se de conhecimento passivo, que permite ao falante reconhecer palavras de sua língua. No segundo caso, trata-se de conhecimento ativo, que permite ao falante formar palavras em sua língua.

As palavras que constam no título desta proposta de comunicação no V CILH também estão no título do projeto de mestrado em andamento no Programa de Pós-graduação em Letras da UNIFESP. “Açaiteria” remete a lugar onde se vende açaí, mas “esmalteria” não remete apenas a lugar onde se vende esmalte, e sim onde também se pode fazer unha. E “risadaria”? Sequer é um lugar, e sim um espetáculo, o que nos parece invocar a metáfora EVENTOS SÃO LUGARES na instanciação do esquema por “risada”.

Tendo em vista que o modelo emprega o conceito “construção” ora em relação ao esquema apreendido das palavras, ora em relação às próprias palavras, reservamos o conceito “esquema” à construção vazia e o conceito “expressão” à construção instanciada. Assim, o esquema em questão nos parece ser [X + a/eria], e nossas hipóteses de trabalho são que (i) tal esquema foi apreendido de palavras mais antigas na língua, como “padaria”, “drogaria” e “lavanderia”; e (ii) a formação de palavras como “açaiteria”, “esmalteria” e “hamburgueria” pode ser considerada como evidência do uso criativo do esquema, que lhe confere a condição de molde (ALMEIDA; LEMOS DE SOUZA; KEWITZ, 2018). Nossos objetivos, por sua vez,

são (i) a análise das palavras mais antigas, nas quais ocorre o sufixo –aria, descrito pela tradição como produto da combinação dos sufixos –ário e –ia; (ii) a análise das palavras mais recentes a partir do uso, que se concentra na função semântica de nomear; e (iii) a descrição do significado construcional (*construal*).

Adotamos a Gramática Cognitiva, tal como proposta por Langacker (1987, 91, 08, 09), por ser o que mais se ocupa da relação entre léxico e gramática, concebida como relação entre instâncias e esquemas. Langacker (2008, 09) não somente define construção como pareamento entre forma e significado, como também concebe a construção como unidade simbólica que só faz sentido porque a gramática é semiológica e multimodal (Langacker, 2009, 3). Neste modelo da Linguística Cognitiva, são quatro os processos cognitivos de domínio geral: **associação**, **automatização**, **categorização** e **esquematização**. Como o foco da dissertação é na produtividade da construção, enfatizaremos, na comunicação pretendida, um processo de domínio específico: **instanciação** (LEMOS DE SOUZA, 2020).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, M. L. L.; LEMOS DE SOUZA, J.; KEWITZ, V. Preposições complexas: moldes e modos. In: TENUTA, A.; COELHO., S. (org.). **Uma abordagem cognitiva da linguagem**: perspectivas teóricas e descritivas. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018, p. 157-180.

Langacker, R. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, v. 1, 1987.

Langacker, R. **Foundations of cognitive grammar**: descriptive application. Stanford: Stanford University Press, v. 2, 1991.

Langacker, R. **Cognitive grammar**: a basic introduction. Oxford, New York: Oxford Press, 2008.

Langacker, R. Investigations in cognitive grammar. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2009.

Lemos De Souza, J. Provocações morfológicas à gramática cognitiva. Diadorim, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, 2020, p. 303-322.

GRAMATICALIZAÇÃO E QUEBRA DE SIMETRIA NA EVOLUÇÃO DO SUFIXO INDO-EUROPEU *-SK-

Johnatan Nascimento (UQAM)

Palavras-chave: Gramaticalização, Indo-europeu, Morfologia Histórica, Quebra de simetria

Resumo:

No português brasileiro, algumas raízes estão presentes em dois tipos de verbos incoativos: um de formação parassintética, como *endoidecer* e outro de formação prefixal, como *endoidar*.

O sufixo *-c-* presente nesses verbos parassintéticos está conectado ao morfema latino *-sc-*, que também é encontrado tanto em formações incoativas como *calescere* ‘esquentar’ quanto em verbos sem essa noção aspectual, como *poscere* ‘perguntar’ (Väänänen 1968).

Este sufixo *-sc-* conecta-se ao indo-europeu **-sk-*, encontrado em todas as famílias de línguas indo-europeias, mas com peculiaridades evolutivas em cada grupo (Brugmann 1891). Em algumas línguas, **-sk-* deu origem a sufixos causativos (latim, grego), inceptivos (latim), iterativos (hitita, grego) e incoativos (latim, grego, hitita, tocário); em outras aparece como verbalizador, sem vínculo aspectual definido (Beekes 2011; Clackson 2007; Fortson IV 2011).

Neste trabalho, investiga-se a relação entre a evolução do sufixo indo-europeu **-sk-* e os fenômenos de gramaticalização (Hopper e Traugott 2003; Heine 2017; Lehmann 2015) e degramaticalização (Norde 2009; Heine 2003; Ramat 1992). Ao longo da história desse sufixo, é possível identificar etapas em que ele se torna menos gramatical ao passar de um verbalizador para um marcador aspectual – *degramaticalização* –, e o contrário, em que deixa de indicar aspecto e se torna verbalizador – *regramaticalização* (Allen 1995; 1982). Discute-se a hipótese de a evolução do sufixo latino *-sc-* ser de fato um exemplo de degramaticalização, fenômeno cuja existência é eventualmente questionada (Willis 2017).

Em uma primeira etapa do trabalho, descreve-se o percurso do sufixo **-sk* a partir de gramáticas históricas das línguas indo-europeias (Beekes 2011; Clackson 2007; Fortson IV 2011), com foco em sua evolução e desenvolvimento no latim (Allen 1995; 1982; 1995; 1981; Meul 2010; Ernout 1914). Do latim ao português, o foco é no surgimento e fixação de formações parassintéticas como *anoitecer* e *entardecer*. Argumenta-se, seguindo (Allen 1981), que esse processo se deu a partir da transitivização de verbos incoativos formados pelo sufixo *-sc-* acrescido de um prefixo de origem preposicional, como *a(d)-* e *in-*.

Analisando o português brasileiro, propõe-se que a existência de duas formações a partir de uma mesma raiz como *endoidecer* e *endoidar* são evidência da última etapa do processo de gramaticalização, em que o sufixo *-c-* desaparece. Além disso, numa abordagem minimalista para a gramaticalização (Roberts 2012; Roberts and Rousou 1999; Roberts and Roussou 2003), levanta-se a hipótese de que o mecanismo que propicia o desaparecimento do sufixo *-c-* é a *quebra de simetria* (Di Sciullo 2011).

Segundo Di Sciullo e Somesfalean (2013), formas simétricas, como verbos parassintéticos, geram desequilíbrio no sistema linguístico e precisam ser eliminadas por um mecanismo chamado quebra de simetria. Para os exemplos deste estudo de verbos incoativos do português brasileiro, argumenta-se que um traço [INCOATIVO] é compartilhado tanto pelo sufixo quanto pelo prefixo, gerando redundância e, através da quebra de simetria, propiciando que um dos dois seja eliminado. Considerando o processo de gramaticalização que deu origem à parassíntese, propõe-se que a simetria é quebrada a partir do momento em que o traço [INCOATIVO] concentra-se exclusivamente no prefixo, deixando o sufixo vazio de significado e passível de ser apagado.

Referências:

- Allen, Andrew. 1981. "The Development of Prefixal and Parasynthetic Verbs in Latin and Romance." *Romance Philology* 35 (1): 79–88.
- . 1982. "The Leader Verb as a Mechanism of Morphological Change." In *Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 8:10–17.
- . 1995. "Regrammaticalization and Degrammaticalization of the Inchoative Suffix." *AMSTERDAM STUDIES IN THE THEORY AND HISTORY OF LINGUISTIC SCIENCE SERIES 4*, 1–1.
- Beekes, Robert Stephen Paul. 2011. *Comparative Indo-European Linguistics: An Introduction*. 2nd ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Brugmann, Karl. 1891. *A Comparative Grammar of the Indo-Germanic Languages: A Concise Exposition of the History of Sanskrit, Old Iranian... Old Armenian, Greek, Latin, Umbro-Samnitic, Old Irish, Gothic, Old High German, Lithuanian and Old Church Slavonic*. Vol. 2. B. Westermann.
- Clackson, James. 2007. *Indo-European Linguistics: An Introduction*. Cambridge University Press.
- Di Sciullo, Anna Maria. 2011. "A Biolinguistic Approach to Variation." *The Biolinguistic Enterprise: New Perspectives on the Evolution and Nature of the Human Language Faculty* 305: 326.
- Di Sciullo, Anna Maria, and Stanca Somesfalean. 2013. "The Definite Determiner in Romanian: A Biolinguistic Perspective." *Australian Journal of Linguistics* 33 (2): 121–39.
- Ernout, Alfred. 1914. *Morphologie Historique Du Latin*. Vol. 32. C. Klincksieck.
- Fortson IV, Benjamin W. 2011. *Indo-European Language and Culture: An Introduction*. Vol. 30. John Wiley & Sons.
- Heine, Bernd. 2003. "On Degrammaticalization." *AMSTERDAM STUDIES IN THE THEORY AND HISTORY OF LINGUISTIC SCIENCE SERIES 4*, 163–80.
- . 2017. "Grammaticalization." *The Handbook of Historical Linguistics*, 573–601.
- Hopper, Paul J., and Elizabeth Closs Traugott. 2003. *Grammaticalization*. Cambridge University Press.
- Lehmann, Christian. 2015. *Thoughts on Grammaticalization*. Language Science Press.
- Meul, Claire. 2010. "The Intra-Paradigmatic Distribution of the Infix-I/ESC-from Latin to Modern Romance: Morphomic Patterning and Beyond." *Morphology* 20 (1): 1–40.
- Norde, Muriel. 2009. *Degrammaticalization*. Oxford University Press.
- Ramat, Paolo. 1992. *Thoughts on Degrammaticalization*. Walter de Gruyter, Berlin/New York.

Roberts, Ian. 2012. "Diachrony and Cartography: Paths of Grammaticalization and the Clausal Hierarchy." In *Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures*, by Laura Brugè, Anna Cardinaletti, Giuliana Giusti, Nicola Munaro, and Cecilia Poletto, 7:351–67. OUP USA.

Roberts, Ian, and Anna Rousou. 1999. "A Formal Approach to 'grammaticalization'." *Linguistics* 37 (6).

Roberts, Ian, and Anna Roussou. 2003. *Syntactic Change: A Minimalist Approach to Grammaticalization*. 100. Cambridge University Press.

Väänänen, Veikko. 1968. *Introducción al Latín Vulgar*. Madrid: Gredos.

Willis, David. 2017. "Degrammaticalization." In *The Cambridge Handbook of Historical Syntax*, edited by Adam Ledgeway and Ian Roberts, 28–48. Cambridge Handbooks in Language and Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781107279070.003>.